



O CAUSO DO CRISTAL DE ZÉ DE ANSELMO

Jornal da AFATO, Belo Horizonte, dezembro 2000

João Tomich
Carlos Chagas-MG

Referências:

Época em que foi encontrado – 1939/1940

Quem o encontrou – José de Anselmo

Local em que foi encontrado – Lavra da Ariranha

Localização – Margem esquerda do rio Mucuri, abaixo da ponte sobreo Rio Mucuri, da estrada de rodagem que liga Teófilo Otoni a Pavão.

Governador de Minas – Benedito Valadares

Prefeito de Teófilo Otoni – Dr. Camilo Prates Sobrinho (prefeito nomeado)

Quem transportou o cristal da lavra de Ariranha até Mangalô, estação da extinta Estrada de Ferro Bahia/Minas – José Tomich

A notícia da descoberta de um cristal de dimensões incomuns no município de Teófilo Otoni se espalhou, chegando até ao conhecimento do Governador que mandou apreendê-lo, determinando que o prefeito de Teófilo Otoni tomasse providências no sentido de transportá-lo até a sede do município. Era uma tarefa de certa envergadura, visto que a distância da lavra da ariranha até a margem da estrada de Ferro Bahia-Minas é de cerca de 40 quilômetros em terreno acidentado e em mata virgem, além do obstáculo da travessia do Rio Mucuri.

As pessoas consultadas para transportar o cristal alegavam dificuldades dizendo que teriam que construir estrada, pontes, mais a travessia do Rio Mucuri, o que demoraria meses. O prefeito de Teófilo Otoni, depois destas sondagens preliminares estudando a viabilidade de empreitar o transporte do cristal, procurou José Tomich. Este foi até o local onde se encontrava o

cristal e fez um prévio levantamento do itinerário chegando à conclusão de que poderia pegar a empreitada.

Acertada a empreitada, José Tomich iniciou o trabalho: reuniu 15 homens, ferramentas e dois ternos de juntas de bois de carga (um terno de juntas = 7 juntas ou 14 bois, destas 14 juntas trabalhava com 12, deixando 02 para algum imprevisto). Partindo do princípio de não contornar as encostas, não fazer curvas, evitar lombadas que da mesma forma que as curvas neutralizariam a força conjunta das 12 juntas de bois, estabeleceu que procuraria viajar sempre em linha reta e nos assentados dos morros, procurando galgá-los pela encosta menos íngreme. Quando a encosta fosse muito íngreme empregaria o artifício de usar roldana e cabo de aço com os bois puxando para baixo, o que demandaria mais tempo e esforço, visto que seria necessário fazer dentro da mata virgem um arrastão (picada) de largura dupla para dar passagem aos bois descendo e o cristal subindo. Nestas subidas, nos trechos de terreno brejado, arenoso ou pedregoso lançaria mão do artifício de colocar paus roliços com mais ou menos um metro e meio de comprimento para facilitar o deslizamento da zorra, fazendo algumas vezes verdadeira estiva.

Traçadas as estratégias, assim que José Tomich e seus homens chegaram à lavra da Ariranha, foram iniciados os trabalhos. O cristal se encontrava no fundo de uma catra. Foi feita uma “boca livre” (rampa de acesso) e uma zorra de madeira para colocar o cristal sobre ela (pode-se avaliar o trabalho para por o cristal sobre a zorra, praticamente na marra). A zorra foi atrelada às juntas dando início à arrancada desta aventura com homens que desconheciam o impossível. Viajavam margeando o rio, pelos assentados dos morros até chegar ao local da travessia anteriormente escolhido, um sequeiro, onde o rio espraia-se em corredeira sobre um leito rochoso. A pequena profundidade do rio neste local dava condições, ainda que precárias, dos bois trabalharem. Esta travessia foi na realidade uma verdadeira epopeia: bois escorregando no lajedo, a zorra deslizando nas pedras lisas na eminência de se perder o controle da situação, o que poria a perder todo o trabalho, visto que o rio, abaixo do sequeiro, tornava-se fundo impossibilitando aos bois firmarem sobre o leito do rio para fazerem força. A partir desta travessia, a marcha transcorria sem maiores atropelos, de forma lenta, contínua e segura.

Os moradores por onde passava o comboio aglomeravam-se para ver o cristal sendo rebocado: 12 juntas de bois atuando em conjunto era coisa nunca vista antes. Além do mais, a labuta daqueles homens abnegados e determinados era um trabalho hercúleo. Lá estavam, entre outros, João Quaresma, amigo de todas as horas, João Saldanha, Amâncio Pêgo e eficientes carreiros colaboradores.

Não havia sido estipulado prazo para se chegar com o cristal até a Estrada de Ferro Bahia-Minas, mas com 20 dias de jornada lá estava ele em Mangalô, estação da EFBM, de onde seria transportado até Teófilo Otoni. Este local, Mangalô, pertencia a José Tomich, o qual tinha aí uma extração de madeira e que, em virtude desta atividade dispunha de três ternos de bois, o que viabilizou a empreitada do transporte do cristal. Consta que o prefeito de Teófilo Otoni ficou bastante surpreso com a chegada do cristal, pois de acordo com suas estimativas transmitidas ao governador, tal empreitada demandaria pelo menos três meses, e a chegada do cristal em tempo tão curto o deixava sem uma explicação plausível para dar ao governador. O Zé de Anselmo, garimpeiro, acompanhou o cristal desde a lavra da Ariranha até Belo Horizonte, indo ter com o Governador a fim de receber a importância que lhe cabia pelo achado.

Em meados da década de 50 encontrei o Zé Anselmo na lavra de São Julião, quando ele me narrou de viva voz o seguinte acontecimento – ao chegar em Belo Horizonte, segundo ele, permaneceu em frente ao Palácio da Liberdade por dois dias, até que o governador se dispôs a recebê-lo. Logo que se viu na presença do governador, foi direto ao assunto: “- Vim receber o dinheiro do cristal que achei e que o Governo me tomou”. Ainda segundo ele, o Governador mandou que lhe entregassem 10 contos de réis e mais o direito de pesquisa para

lavra em qualquer parte do Estado de Minas Gerais em uma área de 400 metros quadrados. Era o que ele mais queria.

O achado do cristal havia se dado em decorrência de haverem-no impedido de trabalhar no local por ele escolhido, na lavra da ariranha, onde estava saindo muita Água Marinha. O local já estava tomado por outras turmas de garimpeiros, o que o levou a ir trabalhar do lado oposto àquele onde estava saindo muita Água Marinha e aí ele acabou encontrando o cristal. Com o direito de pesquisa concedido pelo Governador nas mãos, o Zé de Anselmo voltou à lavra da Ariranha e demarcou a área de 400 metros quadrados justamente onde ele havia sido impedido de trabalhar. Aí descobriu um “bamburro” de Águas Marinhas que necessitou de um lote de burros (sete burros) para ser transportado até Teófilo Otoni: mais ou menos 800 quilos de pedras.

Nesta oportunidade, quando o encontrei na lavra de São Julião, ele já estava alquebrado, sobrevivendo do comércio de cambalacho (comércio de pedras miúdas e defeituosas) praticamente sem nada além de um pequeno capital cedido por compradores de pedras, como amparo. Eis aí, de maneira sucinta, o Causo do Cristal. Espero ter com ele preenchido uma lacuna.

Foto: Paulo Rosário e Eraldo Campos posam ao lado do maior cristal do mundo, encontrado no município de Teófilo Otoni. Trazido para a capital, Belo Horizonte. Ele foi, durante muitos anos, exposto na antiga Feira de Amostras. Mas recentemente Esteve no Museu de Mineralogia (Rua da Bahia com Augusto de Lima) e hoje pode ser visto na entrada do Centro de Informações Turística Presidente Tancredo Neves (prédio conhecido como Rainha da Sucata, na Praça da Liberdade).